

## O CONCEITO DE TERRORISMO NO TEATRO MUNDIAL DE AMEAÇAS

CARLOS AUGUSTO ALENCAR NETO<sup>1</sup>; CLÁUDIO LEIVAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – carlosaugustoalencar@hotmail.com

<sup>2</sup>UFPEL – ctleivas@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Há muito a produção acadêmica dedicada à compreensão do terrorismo se ocupa com análises descriptivas que, conquanto hábeis a contemplar demandas de atenção ao tema, asfixiam-se numa articulação desprovida da necessária criatividade conceitual exigidas por uma abordagem capaz de soluções ante uma realidade em construção, como é próprio ao terrorismo.

LA CALLE e CUENCA (2011), responsáveis por compilar tentativas de conceituação ao termo e lhe resolver a ambiguidade, categorizam, em seu trabalho, uma plêiade de especialistas pela maneira como assim se propunham. Pretendiam compor um denominador comum entre as diversas referências, fazendo-as, através de suas explícitas ou implícitas propostas ao conceito, responder a duas perguntas: quem pratica o terrorismo e como ele é praticado.

Concluíram por encontrá-lo (o pretendido denominador comum) em: “violência coercitiva praticada por grupos paramilitares”. O argumento: a maioria das organizações terroristas nos trabalhos cotejados era desprovida de controle territorial e decidiam suas estratégias operacionais baseadas na insuficiência de poderio militar. Reconhecem, ainda, que se realça a fragilidade do resultado quando grupos abundantes em recursos militares ou dotados de controle territorial praticam táticas coercitivas similares às convencionalmente atribuídas a organizações arroladas como terroristas.

Mas há uma pergunta que logicamente antecede as indagações sobre quem são os terroristas e como o terrorismo é praticado. “O que é terrorismo”? Entendendo que La Calle e Cuenca selecionaram um multifário material ao compor sua referência bibliográfica avaliada porque relacionada ao terrorismo, como o fizeram sem a lucidez de um conceito?

Negligenciar a pergunta sabotaria, contudo, qualquer segurança sobre a possibilidade de produção de homogeneidade semântica a partir da qual haveria sentido em se perguntar as ditas questões. Porque de pouco serve concluir igualdade de rosto e meios ao terrorista se o significado de terrorismo possa ser tão variado quantos sejam os trabalhos considerados.

O primeiro movimento necessário, então, é localizar o terrorismo em uma teoria da violência que se articule fluentemente ante tal propósito. Introduzo, então, uma proposta à resolução desse provimento através do Teatro Mundial de Ameaças e outros conceitos componentes da teia de *Ira e Tempo*, obra do filósofo alemão SLOTERDJIK, Peter (2006).

O Teatro de ameaças é o palco geopolítico onde se efetiva o equilíbrio universal do sofrimento e a equação dos custos de paz. Sua força filosófica provém do deslocamento da noção de soberania, definindo-se-a a partir do medo: soberania é a medição da capacidade de ameaça que certo ator do Teatro possui. Exigências políticas são equacionadas através do medo no estabelecimento de uma paz fiel à eficiência com que os atores operam a soberania.

O conceito de terrorismo possível, nesse registro, identifica-se, portanto, com a própria expressão soberana dos atores. Mas a abrangência detém amplitude suficiente para torná-lo inútil, posto igualar-se a “política”, e impreciso, porque,

aqui, o medo não precisa ser voluntariamente evocado, bastando a possibilidade do seu efeito...

O teatro encena o aspecto político do equilíbrio de sofrimento acumulado pela ação de violência histórica daqueles que participam da atuação. É por essa face, ou seja, na razão que justifica o espetáculo político de medo, que se alcança na teoria um conceito específico para terrorismo.

A dinâmica de violência na realidade aponta que, conforme se a acumule, igualmente se produza sofrimento, afinal a violência é praticada contra uma vítima. A reserva histórica de sofrimento propicia ampla possibilidade de coleta emotiva desses recursos por uma narrativa, por exemplo, de vingança.

Quão maior sua penetrabilidade, mais capilarizada será para a mobilização total desses sentimentos. Assim, a narrativa revolucionária da luta de classes reverberou como proprietária de um sofrimento global emotivamente convertendo-o em vingança e produzindo, politicamente, soberania. É a consciência sobre essas etapas que está logicamente pressuposta na compreensão da teoria do Teatro.

Ora, o terrorismo especificamente, então, seria a efetivação violenta de uma narrativa dedicada a impor sofrimento através do medo e determinar a conversão desse sofrimento coletando-o como submissão. A soberania em consequência disponível para o Teatro perde a redundância quando dita terrorista e se realiza plenamente como hipérbole.

## 2. METODOLOGIA

O método primário é a pesquisa bibliográfica e a avaliação de sua eficiência na interpretação da realidade pertinente ao terrorismo.

“A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (GIL,1994).

Aliada à leitura, revisão e fundamentação crítica dos momentos da argumentação necessários à escrita.

Leitura reflexiva ou crítica – estudo crítico do material orientado por critérios determinados a partir do ponto de vista do autor da obra, tendo como finalidade ordenar e sumarizar as informações ali contidas. É realizada nos textos escolhidos como definitivos e busca responder aos objetivos da pesquisa. Momento de compreensão das afirmações do autor e do porquê dessas afirmações (LIMA; MIOTO, 2007).

Em filosofia, é crucial o esclarecimento do campo de batalha argumentativo pelo qual o tema se manifesta. Isso envolve principalmente o estabelecimento da estrutura conceitual subjacente à expressão dos problemas postulados e a organização das razões que orientam as escolhas na escrita dos argumentos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao propor-se fronteiras conceituais para o terrorismo, articulando-o em uma teoria da violência, permite-se, prontamente, a projeção aos fatos para corroborar sua eficácia ou a falsear.

Conhecendo a definição genérica do terror, sua finalidade, o trabalho deve, agora, estabelecer o mercado internacional das emoções, ou seja, o movimento das correntes volitivas e suas interações como caminhos de investimento observados, conscientemente ou não, por aqueles que pretendem atuar na determinação das tendências de ebulação da violência.

## 4. CONCLUSÕES

O sucesso desse trabalho concede significativo avanço à resolução de duas urgentes questões contemporâneas: **qual** o próximo ataque terrorista e **como** seria ele pretendido.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994.
- LA CALLE, L. D.; CUENCA, I. S. What we talk about when we talk about terrorism. *Politics and Society*, Espanha, v. 39, p. 451-472, set. 2011.
- LIMA T. C. S.; MIOTO, R .C. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*. Florianópolis v. 10, p. 37-45 2007.
- SLOTERDIJK, P. Ira e Tempo (2006). Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.